

Planalto busca coordenador ⁵² para programa

Início da campanha pega de surpresa presidente, que precisa definir quem fará projeto de governo

RICARDO AMARAL

BRASÍLIA – Alcançado de surpresa pelo início da campanha eleitoral – que esperava para depois da Copa da França – o presidente Fernando Henrique Cardoso está procurando alguém para coordenar a redação do programa de governo para a reeleição. Trata-se de uma área estratégica que precisa ser preenchida rapidamente, já que um dos principais bordões do presidente e de seus aliados é acusar a oposição, especialmente o candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT), de não ter um programa claro de governo. Sem cobrir essa lacuna em seu comitê, Fernando Henrique corre o risco de receber de volta a pedra que atira nos adversários.

Na campanha de 1994, a função foi ocupada pelo professor Paulo Renato Souza, hoje ministro da Educação. O resultado de um mês de trabalho foi o programa “Mãos à Obra”, que deveria ter sido um guia para o primeiro mandato de Fernando Henrique, mas não foi seguido por todos os ministros. Para reassumir a tarefa, Paulo Renato teria de deixar o MEC, pois a orientação do presidente candidato é separar nitidamente equipe de governo e equipe de campanha. Foi o que fez o ex-secretário-geral da Presidência, Eduardo Jorge Caldas, chefe da campanha, e o que deve fazer o ministro da Administração, Bresser Pereira, para assumir novamente o comitê de finanças.

Paulo Renato já recebeu sondagens para integrar o comitê de campanha, mas sua situação é menos confortável que a de Bresser, que praticamente conclui sua tarefa com a promulgação, hoje, da reforma administrativa. O ministro da Educação viajou ontem para Washington deixando para trás uma greve de professores universitários que aumenta o desgaste do governo. Paulo Renato disse ontem que não é o momento de discutir assuntos de campanha.

O presidente candidato tem alternativas, também dentro do governo, ao nome do ministro. Ele pode deslocar para a campanha José Roberto Mendonça de Barros, secretário-executivo da Câmara de Comércio Exterior, e Amaury Bier, secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda. São dois economistas com trajetória em ascensão no governo, conhecedores da máquina pública e dos grandes projetos em andamento, como o Brasil em Ação, que pode ser a base do capítulos de investimentos públicos no novo programa de governo.

A escolha do coordenador de programa também é fundamental porque o presidente candidato está convencido de que precisa apresentar novidades ao eleitor além da estabilização da economia. O Real será mais uma vez o ponto forte da campanha – a tendência é jogar com a lembrança dos tempos de inflação descontrolada e o temor de que a insegurança volte. Os principais assessores e os políticos mais próximos do presidente, no entanto, raciocinam que o eleitor vai exigir algo além de estabilidade dessa vez, daí a importância de apresentar uma plataforma consistente e com novidades em relação a 1994.

O coordenador de programa é a única peça importante que falta para completar o comitê de campanha, que foi definido no fim da semana.